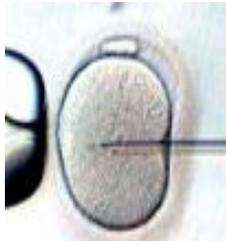


## Clonagem: questões onto-éticas!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



Clonagem

**1. Clonagem:** O termo clone - que provém da palavra grega *klon* e que significa broto vegetal - foi utilizado em 1903 pelo botânico Herbert J. Webber. Clone é basicamente um conjunto de células, moléculas ou organismos descendentes de uma célula e que são geneticamente idênticas a célula original. Da palavra clone deu-se origem a palavra clonagem que designa o processo de reprodução assexuada do clone original, onde são obtidos indivíduos geneticamente iguais (microorganismo, vegetal ou animal) a partir de uma célula-mãe. É um mecanismo comum de propagação de espécies de plantas, bactérias e protozoários. Podemos definir a clonagem como um método científico artificial de reprodução que utiliza células somáticas (aquelas que formam órgãos, pele e ossos) no lugar do óvulo e do espermatozóide. A primeira experiência com clonagem de animais ocorreu no ano de 1996, na Escócia, no Instituto de Embriologia Roslin. O embriologista responsável foi o doutor Ian Wilmut. Ele conseguiu clonar uma ovelha, batizada de Dolly. Após esta experiência, vários animais foram clonados, como por exemplo, bois, cavalos, ratos e porcos. Em humanos, os clones naturais são gêmeos univitelinos, seres que compartilham do mesmo DNA, ou seja, do mesmo material genético originado pela divisão do óvulo fertilizado.

**2. Clonagem humana:** Panayiotis Zavos, ex-professor da Universidade de Kentucky e Severino Antinori, pesquisador italiano, anunciaram, em janeiro de 2001, o objetivo de clonar um ser humano, segundo a mesma técnica utilizada para criar a ovelha Dolly: transferência nuclear da célula somática. Como se dá isso? A transferência nuclear da célula somática tem início quando o médico tira o óvulo de uma doadora e remove o núcleo do óvulo. Fazendo isso, ele cria um óvulo desprovido de núcleo. Uma célula contendo DNA é então retirada da pessoa que está sendo clonada. Por meio de eletricidade, o óvulo desprovido de um núcleo é fundido com a célula contendo o DNA do ser humano que está sendo clonado. Forma-se então um embrião, que é implantado na mãe de aluguel, aquela que forneceu o óvulo. Caso o procedimento seja bem-sucedido, a mãe de aluguel dará à luz à uma cópia exata da pessoa clonada (de quem foi retirado a célula com DNA) ao fim de um período normal de gestação.

**3. Clonagem terapêutica:** A clonagem terapêutica é tomada pelos cientistas que defendem clonagem humana como argumento favorável a este procedimento. O que é a clonagem terapêutica? É o processo pelo qual o DNA de uma pessoa é utilizado para criar um embrião. Ao invés de inserir este embrião em uma mãe de aluguel, suas células são usadas para produzir células-tronco que são capazes de evoluir para diversos tipos de células do corpo. Segundo os que defendem a clonagem terapêutica, estas células-tronco podem - algo que a sociedade científica ainda não comprovou - ser utilizadas para criar órgãos humanos, tais como corações, fígados e pele. Estas células-tronco também poderiam fazer crescer neurônios capazes de curar aqueles que sofrem de doenças como o mal de Parkinson, de Alzheimer ou síndrome de Rett. Sustentam que como estes órgãos seriam produzidos usando células-tronco do próprio paciente, não haveria mais riscos de rejeição do transplante pelo corpo da pessoa.

**4. Problemas onto-éticos da clonagem humana:** Muitos são as questões que rondam à discussão acerca da possibilidade e licitude da clonagem humana. Vão desde questões técnico-científicas às filosófico-teológicas. Aqui, parece oportuno destacar uma pertencente à filosofia: seja à ontologia, seja à ética ou à moral. Eis o problema onto-ético da clonagem humana.

**4.1. Problema ontológico:** A ontologia é a parte da filosofia que estuda a estrutura ôntica - o ser - de qualquer realidade, inclusive a do ser humano, ela estuda pois, o ser enquanto ser [In Met. I, lec. 2, 58-62; II, lec. 2, 291; VI, lec. 1, 1166-1170; XI, lec. 7, 2263-2267]. O ser é o que faz uma coisa realidade ser o que ela é. O ser é o ato, perfeição pela qual alguma coisa existe [In IX Met. lec.3, n.1805]. Dá-se o nome natureza a realização do ser desta realidade. Por isso, à natureza vegetal seguem-se certas caracterizações propícias ao seu ser vegetal como, por exemplo, as de crescer, nutrir-se e morrer. À natureza animal, também, de igual modo, seguem-se caracterizações propícias ao seu ser animal como, por exemplo, a sensibilidade. Não diferentemente ocorre com a natureza humana, a que seguem determinadas características que lhe são próprias. Tema central da ontologia é o da individualidade, que se estende ao tema antropológico da individualidade da pessoa humana. Toda pessoa humana é uma - é uma que se distingue de qualquer outra - única - não há outra idêntica a ela - e insubstituível - porque o que ela é, nenhum outro ser, ainda que seja um clone seu, poderá substituí-la. Este caráter indelével de sua individualidade é patrimônio do seu ser pessoal. O que é a individualidade? Para Tomás de Aquino a palavra *hypóstasis* significava a substância individual, de qualquer natureza [In III Sent d6 q1 a1 sol1; De Pot q8 a3 sol] e não apenas o indivíduo humano. Mas por motivo da natureza humana distinguir

em perfeição e nobreza das demais naturezas individuais exigiu-se um nome específico para designar o indivíduo de natureza racional: o nome pessoa [STh.I,q29,a1,c]. A palavra pessoa é, pois um nome especial que se dá aos indivíduos de natureza racional [De Pot q9 a1 ad2]. Desta maneira, pelo nome *hypóstasis* designa-se à natureza genérica da substância individuada e o nome pessoa, só à natureza racional individual [De Pot q9 a2 ad2]. Para o Aquinate este nome pessoa não nomeia só a alma racional ou só o corpo, mas o todo que se forma da união de corpo e alma, ou seja, o indivíduo de natureza racional. Por isso, o Aquinate ao referir-se à personalidade de qualquer pessoa refere-se à individuação da natureza humana [CG IV c41 n3792; De Un Ver a1 sol]. Em outras palavras, a individualidade de uma pessoa não é só o que a pessoa é por fora, mas o que ela é no seu ser, pois existir individualmente diz respeito a determinado modo de ser [In I Sent d23 q1 a1 sol]. Por isso, afirma o Aquinate que Sócrates não subsiste só pela essência, mas também, pela matéria, que o individua [In I Sent d5 q2 a1 ad2], por isso, este nome significa o que diz respeito à individuação completa das substâncias que se unem para formar uma única de determinada natureza [In I Sent d23 q1 a1 sol]. Contudo, a possibilidade de que se clonasse uma pessoa, gerar-se-ia uma polêmica acerca deste caráter indelével da individualidade da pessoa humana. Tudo o que envolve a individualidade fisiológica da pessoa humana e forma parte de sua personalidade poderia ser clonado: tamanho, cor e outros traços seriam pré-determinados pelos pais que desejassem - pelo processo da clonagem humana - produzir bebês perfeitos, eugênicos. Em consequência disso, as crianças se tornariam um objeto como outro qualquer, como qualquer outra comodidade que se adquire numa vitrine, onde escolhemos o que se nos parece melhor: tamanho, cor e outros traços seriam pré-determinados pelos pais. Toda a intimidade e individualidade humana seriam violadas. Haveria ainda o problema de clonar pessoas já falecidas. Neste caso, as crianças que forem clones de pessoas que já faleceram poderão ser consideradas meramente a continuidade da vida daqueles que já morreram, e consequentemente violada a sua identidade e individualidade.

**4.2. Problema moral:** Por ética ou moral entende-se a parte da filosofia que estuda o comportamento humano através de seus atos morais, ou seja, aqueles atos que a pessoa humana produz e que são livres, pois nascem de sua escolha, da sua vontade. Para o Aquinate a ética é ciência moral, ou seja, ciência dos costumes e é conhecimento especulativo-prático: é especulativo, na medida em que nasce da ordem que a própria razão procura estabelecer, a partir dos seus princípios, nos atos da vontade [In I Eth. lec.1,n.1] e é prático, na medida em que é ciência dos costumes e dos atos humanos, que são

sempre circunstanciais, singulares e práticos [In III Sent. d.23,q.1, a.4,2c]. Um problema moral da possibilidade de clonar pessoas mortas seria a duplicação de pessoas vis, más e estas serem trazidas de volta à vida. Seria possível que, com a clonagem de alguma pessoa má, já falecida, o seu clone herdasse seu caráter? A resposta é não, pois o caráter da pessoa humana é modulado a partir de dupla contribuição: o temperamento e a moralidade das suas ações, ou seja, de suas ações virtuosas ou viciosas. O que é o temperamento? É o conjunto de paixões e sentimentos que um indivíduo produz em sua alma e que tem uma intrínseca relação de causa-efeito com a sua estrutura fisiológica, orgânica enquanto em contato com o meio, por meio dos sentidos e na execução da inclinação dos instintos. A virtude é o ato moralmente bom e o vício é o ato moralmente mau. Denomina-se virtude o hábito operativo bom [STh.I-II,q55,a3,c] e vício o hábito operativo mau [STh.I-II,q71,a1,c]. A virtude como disposição habitual reveste a natureza de quem opera de tal modo que imprimi nela uma força, daí virtude, de difícil remoção, que torna melhor a natureza e a operação de quem a possui [CG.I,37,n2;STh.I-II,q20,a3,obj2;STh.II-II,q55,a3,sc]. Por isso, a virtude torna melhor quem a possui e dispõe quem a possui para a boa operação [CG.IV,7;STh.I-II,q55,a1,c;STh.II-II,q144,a1,c;CG.I,92; In III Sent.d23,qq1,a2,qc1,c]. Mas o mesmo se diz do vício, que sendo um mau hábito imprime na natureza de quem o possui uma má disposição, enquanto lhe priva de alguma perfeição e que é de difícil remoção, que torna pior o ser e a operação de quem a possui. Pois bem, ninguém herda, por herança genética, o caráter, a liberdade, as virtudes e os vícios, porque isso não é herança genética, pois ou pertence à natureza espiritual, como a liberdade ou se é adquirido ao longo desta vida, virtudes e vícios. O caráter é formado ao longo da vida, no exercício pleno dos hábitos morais livres, que podem ser bons ou maus, gerando, pois virtudes ou vícios. Por isso, nenhum clone herdará a liberdade, o caráter os vícios e as virtudes de sua matriz, embora possa herdar algo do temperamento, pois este é fisiológico e pode repetir-se no clone, segundo um padrão mais ou menos semelhante de comportamento. O temperamento pode ser herdado, embora ele por si só não constitua o caráter. A maldade não está no código genético, mas resultado da livre intenção e eleição de quem age contra algum bem. Por isso, a clonagem somente duplicaria o corpo, não necessariamente o caráter ou personalidade de uma pessoa. Em última instância o clone seria só fisicamente a mesma pessoa, mas não moralmente. Cabe ainda destacar que a clonagem poderia causar outros danos morais à convivência humana. Imaginemos a seguinte situação: caso um pai quisesse um filho que fosse seu clone - geneticamente idênticos - isso poderia acarretar problemas de convivência familiar se tivesse outros filhos, já que nada o



impediria que procurasse amar o que mais se lhe assemelha o que muito entristeceria os demais filhos, se estes não fossem clones dele. Na possibilidade de que este filho-clone cresça, ele se tornará idêntico ao seu pai, o homem pelo qual sua mulher um dia se apaixonou e com quem se casou. E se o casal eventualmente se divorciasse a esposa agora poderia odiar o seu ex-marido, mas seu filho é fisicamente idêntico ao homem que ela agora menospreza. Estas são algumas das questões fundamentais às que a filosofia deve estar atenta, para colaborar numa eficaz e salutar análise da questão.